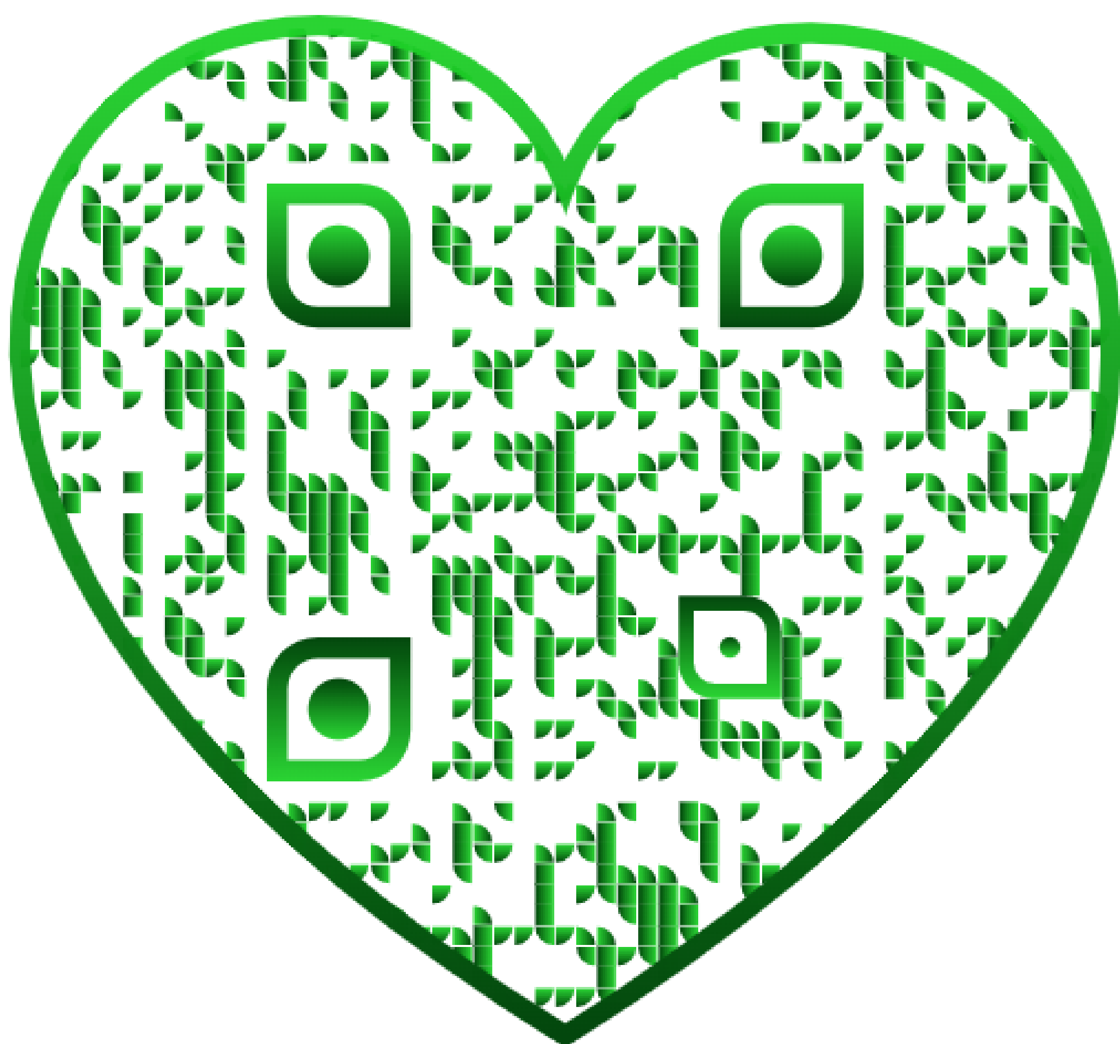
GAROTA FINAL

AS DATAS COMEMORATIVAS DE LISA E RACHEL #1

QUEM APAGOU AS LUZES?



QUEM APAGOU AS LUZES?

Todos os direitos reservados © 2022
Publicado de maneira independente por Garota Final

Tipografia: Alycia Carvalho
Capa: Taissa Emanuelly
Diagramação: Andresa Rios
Leitura Crítica: Thais Lopes
Revisão: Rebecca Figueiredo

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou em partes através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor foram contemplados.

A violação dos direitos autorais é crime definido pela lei 9.610/98 e punida nos termos do artigo 184 do Código Penal.

AGRADECIMENTOS

Eu detesto agradecimentos porque morro de medo de esquecer alguém importante, e todas as pessoas que fizeram parte dessa história são importantes.

Quem trabalhou comigo no processo editorial: Thais Lopes, Becky, Thai e Andy. Obrigado por ajudarem a tornar esse livro tão lindo! Sem vocês, nada aqui existiria e não seria tão bem feito como está.

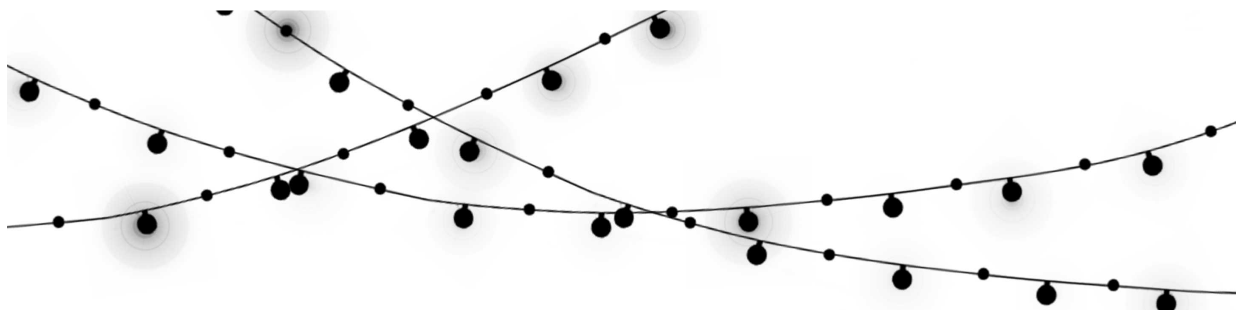
Thais, Ollie, Rocky, Nara, Aniek, Ben, Raíssa, Oswaldo, Edu, GiGi, Mari, além de amizade, vocês me ajudaram com sinopse, ouviram meus resmungos e me apoiaram a reescrever e a relançar toda essa história.

Aos leitories antigos de Lisa e Rachel: se você estiver lendo isso, quero agradecer por ter gostado da outra edição e querer conhecer essa, que eu tive o prazer de refazer e deixar da melhor forma possível.

Gaia, João, Pedro Gabriel, Maria Júlia, José Fernando e Alessandra, vocês são a minha família e tornam tudo isso capaz. Fazem de mim alguém melhor e me ajudam a sempre seguir em frente, mesmo quando tudo está pesado demais.

E, por fim, a mim, que acreditou e fez acontecer.

Para todes que acreditam na magia e ainda têm medo do escuro.



A LEI DE MURPHY E A (QUASE) VÉSPERA DE NATAL

"É uma verdade conhecida universalmente: No momento em que uma área da sua vida começa a dar certo, outra parte desaba espetacularmente em pedaços."
— O diário de Bridget Jones

É o pior dia do ano. E isso porque estou trabalhando um dia antes da véspera de Natal, quando eu deveria estar na minha cama, hidratando o cabelo e comendo besteiras.

O Museu resolveu que abriria hoje, e agora, além de lidar com várias papeladas antes do nosso recesso, ainda tenho que servir de guia. O que torna tudo pior, já que esse não é o meu serviço e tenho *quase* certeza de que Ashley fingiu estar doente só pra se safar dessa. Esperta foi ela.

Preciso sair dos meus devaneios para sorrir. Os visitantes tiram fotos e esporadicamente fazem perguntas, em que quase todas são iguais e eu dou as respostas robóticas que me parecem agradar a todos. E, sempre que dá, dou uma conferida no relógio no meu pulso, contando os minutos pra que essa tortura acabe logo.

Pelo menos o Museu vai funcionar só por meio período, o que dá tempo suficiente pra ir correndo para casa e fazer o que eu deveria ter feito pela manhã: dormido, lavado o cabelo e organizado minha lista de tarefas pra amanhã.

— Bom, agora que já vimos toda a ala leste, vamos dar uma pausa de trinta minutos para que vocês possam ir ao banheiro, comer algo ou tirar mais fotos — digo, e dessa vez meu sorriso é verdadeiro.

Os visitantes só sorriem e se dispersam. Eu fico esperando alguns segundos pra ver se alguém quer tirar uma dúvida comigo e quando ninguém chega perto, saio apressada pelos corredores.

Faço questão de tirar o crachá que me identifica como instrutora do Museu — que peguei na sala de Ashley e tá até com o nome dela — e saio direto para o meu lugar favorito: o café do outro lado da rua. O vento fresco com cheiro de biscoito amanteigado me faz esquecer por pouco tempo que ainda estou trabalhando.

Sento na minha mesa de sempre, do lado de fora e perto do poste de iluminação. Não dá nem cinco minutos e Seu André, o garçom, traz um copo d 'água e me pergunta se vai ser o de sempre. Quando ele sai, posso finalmente ligar o celular e começo a passar pelas redes sociais primeiro, só rolando o feed e compartilhando vídeos de gatinhos e bebês fofos.

É em um desses compartilhamentos que eu percebo uma nova solicitação de amizade. Meu coração acelera um pouco quando vejo a foto de Lisa: os olhos pretos e o sorriso branco dela *ainda* me hipnotizam. Limpo a garganta e começo a stalkear só pra notar que é mais um perfil novo dela. Deve ser o terceiro só esse mês.

Não entendo muito bem porque ela sempre me envia pedido de amizade — e eu sempre aceito —, já que não somos amigas desde o fim do ensino médio. Na época, éramos inseparáveis, mas só até eu começar a gostar mais de Lisa, bem mais do que só amizade. Tive a brilhante ideia, por causa dos filmes clichês que assistia, de enviar uma cartinha me declarando pra ela. Mesmo se Lisa não gostasse de mim, eu esperava por uma resposta, era o mínimo a se fazer quando sua melhor amiga se declara pra você.

Não foi isso que aconteceu. Lisa passou uma semana sem ir à escola por causa de uma gripe ou algo assim, e quando voltou, não respondeu minha cartinha nem falou nada sobre o assunto, pelo contrário, ela deixou bem claro que nunca seríamos nada além de amigas quando apareceu namorando um amigo nosso.

Desde aquele dia eu passei a evitá-la ao máximo, e ela nunca fez questão de vir atrás de mim. Era vergonhoso o suficiente ter levado

um pé na bunda e ter sido trocada, seria muito melhor se ela só tivesse dito que não gostava de mim, assim eu seguiria com o coração partido, mas ainda com uma amiga.

E levando tudo isso em conta, eu sempre fico encarando as novas solicitações, sem entender o porquê de tantas contas novas e do porquê eu sempre ser uma pessoa que ela quer ter como amiga, mesmo que só em uma rede social. Aceito a solicitação e balanço a cabeça, tentando afastar esses pensamentos.

Ficar remoendo isso só vai me fazer ficar questionando sentimentos que eu tento manter enterrados, principalmente porque olhar pra foto de Lisa sempre me faz achá-la ainda mais bonita e preciso me lembrar da cartinha que foi ignorada.

Faço careta com as lembranças, mas não tenho tempo de remoer mais porque Seu André volta todo sorridente com meu pedido. O croissant de chocolate chega junto com o chá e eu deixo uma gorjeta, a de sempre, porque é quase um ritual fazer tudo igual quando estou aqui. E esse ritual é quebrado quando estou dando a primeira mordida e meu celular toca, tão alto que derrubo o croissant em cima da minha xícara de chá, que espirra e mancha um pedaço da minha blusa branca.

E esse é um dos motivos do meu celular ficar no silencioso desde o dia em que eu comprei. Mais um erro cometido no dia de hoje. Limpo o que dá com o guardanapo e pego o aparelho, que não toca mais. Nem tenho tempo de ler o nome de quem fez a ligação perdida porque o celular volta a tocar.

— Oi, mãe.

— Filha, preciso que você me faça um favor e… *tire o gato de cima da mesa agora!* — O fundo da ligação tem o som caótico da minha casa: miados e crianças. — Seu pai saiu pra comprar nossa árvore e não vai conseguir passar no shopping, tá tudo lotado, aparentemente.

Suspiro. Meus pais sempre deixam tudo para a última hora. Quem diria que o dia antes da véspera de Natal tudo estaria lotado?

— Você quer que eu ajude ele a escolher a árvore? — respondo e olho para o relógio digital no meu pulso. — Só vou sair daqui duas horas.

— Não é isso — minha mãe diz e fica em silêncio.

Só escuto o barulho dos meus irmãos gritando. Ainda passo o guardanapo na blusa mais uma vez, esperando que minha mãe diga algo. Se eu ficar pressionando, ela só vai mandar eu deixar pra lá.

— Tem como passar no shopping e comprar os presentes que faltam? — ela solta de uma vez.

Me endireito na cadeira, pois não é possível que meu dia possa ficar pior. Qualquer lugar na semana de Natal é lotado, você demora horas pra conseguir fazer alguma coisa, o trânsito é caótico e é por isso que todo mundo deveria comprar os presentes antes. Estou prestes a dizer tudo isso pra ela, mas a única coisa que sai da minha boca é:

— Claro, mãe. Me manda a listinha, passo lá rapidinho depois daqui.

Ela me agradece e desliga. Nem demora muito e a lista chega no meu e-mail. Pelo menos ela enviou pro lugar em que eu sempre peço que me mandem as coisas importantes. Lembro de colocar o celular no silencioso e o ponho em cima da mesa. Volto a comer meu croissant, que agora está frio e até parece mais seco, mas provavelmente isso é por causa do meu mau humor, que volta com tudo.

Após marcar esse compromisso, que vai bagunçar ainda mais minha organização, não tenho mais muito tempo de intervalo e preciso ficar relembrando como eu amo o Natal e como essa data sempre é mágica.

Não tem como esse dia piorar, e tenho certeza de que a véspera de Natal vai ser incrível, pois a magia do Natal está no ar.



Retiro tudo o que disse sobre o dia não piorar. Ele *pode* e *vai*, é tipo uma lei de Murphy. Passei horas em filas de lojas comprando presentes pra família e ainda preciso passar no Walmart pra conseguir um suéter que minha mãe quer para combinar com o do meu pai.

As pessoas estão ainda mais apressadas e passam correndo por mim, batendo as bolsas de compras e quase me fazendo cair várias vezes. Eu até penso em fazer como elas, talvez assim conseguisse lugares melhores nas filas, mas não quero correr o risco de suar e

estragar o cabelo que eu passei horas fitando para definir os meus cachos.

Quando finalmente chego no Walmart, passando por todos os obstáculos de corpos e sacolas, abro um sorriso. É meu último destino e depois posso ir direto para casa.

Até andar parece mais leve enquanto passo pelos corredores cheios e vou em direção ao meu objetivo: o suéter vermelho de rena que tem escrito “eu amo o Natal”. O problema é que assim que eu chego na parte onde as roupas estão, bem no fundo da loja, a maioria das araras estão vazias e existe apenas um único suéter como eu quero.

A sorte sorri pra mim e começo a andar mais rápido, pronta para chegar ao meu objetivo. Minha mão já está até estendida e eu posso até sentir o tecido fofo. E esse pensamento passa assim que o suéter passa voando pelos meus dedos, me viro e dou de cara com uma mulher abraçando a roupa. Tento manter a calma e aponto para o suéter amassado nas suas mãos.

— É… Eu ia pegar esse daí, você sabe, é um presente para minha *mãe*.

Faço questão de enfatizar a palavra mãe e torço para que a mulher realmente ame o Natal e esteja no espírito natalino do amor. Mas não é isso que acontece. Ela sorri sem mostrar os dentes e enfia o suéter na sacola abarrotada de coisas.

— E eu sou uma mãe que vai se presentear — ela responde e depois faz um floreio com a mão indicando as outras araras. — Tenho certeza de que vai achar alguma coisa por aqui que vai agradar sua mãe.

Ela vira e sai, pegando mais coisas das prateleiras bagunçadas. Fico encarando as costas dela, o meu rosto começa a esquentar e as sacolas de compras nos meus braços parecem pesar cada vez mais. Preciso respirar fundo, tentando manter a raiva e a frustração sob controle até eu pelo menos sair daqui com tudo. Começo a repetir meu mantra de amar natais e, quando volto a prestar atenção nas araras de roupas, é como se meus pedidos de ajuda fossem atendidos.

Um suéter vermelho está jogado e enrolado entre as pilhas de roupas. Estou tão feliz que só pego a roupa e começo a quase correr

para encarar a fila quilométrica. As coisas começaram a dar certo e posso colocar isso como uma magia de quase Natal.

Dessa vez, a fila demora menos do que as outras e, depois de apenas meia hora, estou indo direto para o estacionamento. O shopping tem dois estacionamentos: o coberto, que fica no subterrâneo e está lotado, com uma fila para os carros saírem, e a área descoberta, que fica na entrada do shopping, que foi onde eu consegui estacionar o meu.

O lado bom é que deixei meu carro em um lugar mais perto da entrada, mas o ruim é que preciso andar bastante, além de ter que procurar por ele entre todos os milhares de carros estacionados. As sacolas começam a pesar mais e, a cada passo que dou, o cansaço piora.

São 8 horas da noite e me sinto um pouco vitoriosa por ter conseguido tudo o que precisava. Ainda preciso enviar uma mensagem avisando pra minha mãe que deu tudo certo, ou, pelo menos, era o que eu pensava até as gotas grossas de chuva começarem a cair.

A água caindo está tão forte que começa a machucar meu corpo. Quando anunciaram na rádio que tinha previsão de chuva, eu achei que primeiro viria só uma garoa e não que já ia começar tão intenso assim. Corro pelo estacionamento junto com outras pessoas e quase caio quando um carro dá ré com tudo na minha frente. Abraço as sacolas com força com medo delas molharem e começo a sentir o gosto de creme conforme meu cabelo vai ficando encharcado.

Demora até que eu ache meu carro. O cabelo mais as sacolas não ajudaram e precisei ficar apertando o alarme procurando o que piscaria. Claro que outras pessoas também tiveram essa ideia, e até que eu encontrar o meu nessa bagunça, a chuva já tinha me dado um verdadeiro banho.

Quando entro no veículo, estou toda ensopada. Jogo as sacolas no banco ao meu lado e encosto a cabeça no volante, respirando fundo.

A chuva fica cada vez mais forte, o barulho me assombrando, pois… Bem, eu tenho medo de chuva e raios. E só por isso eu me apresso em procurar minha bolsa, mandar uma mensagem dando um ok para minha mãe e ligar o carro.

Agora sim eu preciso que esse dia acabe e eu tenha meu tão merecido Natal.



Por causa da chuva e da quase véspera de Natal, o trânsito se tornou um grande pesadelo. Até a minha estação de rádio favorita não consegue me animar com as músicas que gosto e me vejo totalmente derrotada quando o trajeto de meia hora vira um trajeto de uma hora e vinte minutos.

Tenho tanto tempo “livre” em meios ao caos do trânsito que resolvo responder alguns e-mails e mexer nas redes sociais. Lisa mandou alguns memes e vídeos de gatinhos fofos e eu acabo me perdendo em mais e mais vídeos até os carros voltarem a andar.

Não consigo parar de olhar o relógio e imaginar todas as coisas que eu perdi por estar trabalhando antes da véspera de Natal. É uma tradição minha usar o dia 23 como o dia em que preparo tudo. Comida, cabelo, escolho as séries que quero assistir pra não ficar horas rodando a Netflix, durmo até mais tarde e como o máximo de besteira possível.

É o dia que vem antes da minha data comemorativa favorita e é importante pra que eu consiga ter um Natal perfeito como em todos os outros anos. E agora, desde o começo, foi tudo estragado. Trabalhar porque uma colega faltou e ainda numa função que não é a minha, buscar presentes num shopping lotado, ter meu cabelo e sapatos estragados pela chuva e ainda receber um meme nada engraçado de Lisa.

Quando estaciono na frente de casa, fico com o carro desligado por um tempo. As luzes da varanda estão ligadas e consigo ouvir minha mãe gritando com minha irmã. A chuva logo diminui e vira uma garoa fina. Recolho as compras e abro a porta.

Estou no meio do caminho quando escuto uma risada conhecida, infelizmente. Esse é um dos problemas de não se ter muro no quintal: a sua vizinha pode estar do outro lado te esperando. E o problema é ainda maior se você tiver levado um pé na bunda dela.

Lisa, minha vizinha, segura um guarda-chuvas fechado, um que combina bem com sua roupa toda preta: jaqueta, calça jeans e

coturnos. Tudo da mesma cor, igual a dos seus olhos e cabelos, que eu conheço bem.

Nunca sei muito bem como reagir quando estamos sozinhas e isso acontece sempre que nos vemos no jardim. Meu coração acelera e preciso engolir em seco pra não morder a boca ou só sair correndo apressada pra dentro de casa.

Então só fico ali parada, enquanto Lisa me encara com um sorriso sem mostrar os dentes e um olhar penetrante do qual eu não consigo desviar.

— Tomando banho de roupa, Rach? — ela fala alto, a alguns metros de mim.

Abro um sorriso, o mais falso que consigo.

— Alguém aqui precisa tomar banho, não é?

O sorriso de Lisa se alarga. E aqui sei que cometi um erro, porque ela só faz isso quando acha que conseguiu me irritar. Desde criança é assim, Lisa é implicante com qualquer pessoa.

Ficamos assim, paradas uma de frente pra outra, esperando que alguém dê o primeiro passo. A garoa fina nem me incomoda mais. Meu corpo até está mais quente e preciso repetir que é só por causa da raiva de chegar tarde em casa, que não tem nada a ver com Lisa e minha quedinha por ela.

Lisa olha pro celular e um carro, provavelmente um táxi, estaciona na frente da casa dela. Ela ergue o guarda-chuva na minha direção e, como se não tivesse me provocado segundos atrás, diz com um sorriso fofo no rosto:

— Boa noite, Rachel, e cuidado pra não pegar uma gripe.

Reviro os olhos e só não mostro o dedo do meio porque minhas mãos estão ocupadas. Lisa se apressa para entrar no táxi e dá um tchauzinho pra mim quando percebe que ainda não desgrudei os olhos dela.

A roupa molhada começa a me incomodar e finalmente ando, fazendo barulho por causa dos sapatos encharcados. Preciso tocar a campainha pra não passar minutos procurando as chaves e nem deixar as sacolas no chão.

Meu pai quem abre a porta e tira algumas compras das minhas mãos. O alívio de ficar sem o peso faz o meu cansaço ficar mais evidente e eu nem tiro os sapatos pra entrar em casa.

Minha mãe, Emma, vem correndo da cozinha limpando as mãos num pano de prato. O sorriso dela vacila quando percebe que estou sujando o chão da casa, mas não diz nada. E escapo do sermão só porque ela deve se sentir um pouco culpada pelo estado deprimente em que cheguei, senão eu seria deserdada. A regra é clara: você nunca entra em casa de sapatos, por isso existe uma área só pra eles antes da entrada. Mas não hoje. Hoje eu só quero me arrastar até o meu quarto e tomar banho.

— Obrigada, filha — ela diz quando se aproxima, dando um beijo na minha bochecha. — Quer tomar um chocolate quente?

Eu assinto. Meus pés estão tão gelados por causa da água que, mesmo com os músculos doendo, tiro os sapatos e fico segurando.

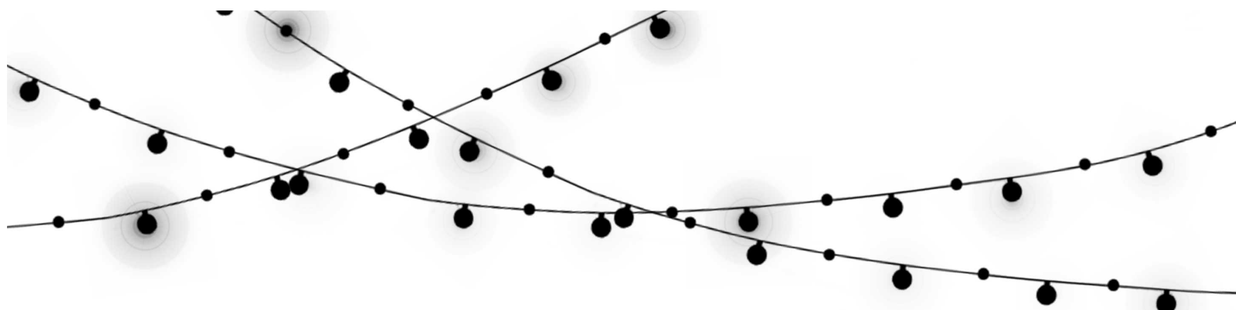
— Então sobe e tire essa roupa. Coloque algo seco, vou preparar para você.

Estou tão cansada que só balanço a cabeça e começo a me arrastar pro andar de cima. No meio da escada, a voz alta do meu pai vem seguida da sua risada descontrolada. Apesar de tudo, ainda sou uma grande curiosa, por isso volto pelo caminho que fiz, quase correndo e vejo meus pais parados no meio da sala.

Minha mãe segura o suéter vermelho na frente do corpo, uma rena mal-humorada está bordada bem no centro com a frase “eu odeio o Natal” bem grande.

Meu pai não consegue parar de rir, ele até se encurva com as mãos na barriga e minha mãe fica lá, parada.

Definitivamente, essa é a pior quase véspera de Natal de todas.



SEM A MAGIA DO NATAL

“Você não pode controlar as coisas que acontecem com você, mas pode controlar a forma que reage a elas”
— Você de Novo.

É véspera de Natal. Os cheiros de biscoito de gengibre com chocolate e café fresquinho invadem o meu quarto junto com os jingles natalinos que tocam na TV do andar debaixo. Oficialmente o dia anterior a melhor data do ano: o Natal!

Tudo que aconteceu ontem está totalmente apagado da minha cabeça e já posso sentir a magia do dia se infiltrando pelos meus ossos. É impossível algo dar errado hoje.

Me espreguiço e sorrio ainda mais lembrando que hoje posso ficar de pijama e tirar só quando tiver que me preparar para a ceia na casa de tia Jenna. Não preciso falar sobre Arte, nem andar pelo Museu respondendo perguntas ou ter que lidar com as papeladas.

Pego o celular debaixo do travesseiro e minha animação diminui um pouco quando a primeira coisa que vejo é o e-mail pedindo o relatório de ontem. Nesse momento, tenho certeza de que minha chefe é o Grinch e odeia o Natal. Claro que não digo isso, só respondo que será um prazer enviar tudo hoje e peço desculpas por ter esquecido disso ontem, depois envio algumas imagens de feliz Natal aos meus amigos e já me sinto contente de novo.

Levanto saltitante pelo quarto e decido tomar um banho antes de atender meu estômago roncando, então saio do meu quarto correndo

pro banheiro no fim do corredor. Outra coisa boa sobre o Natal é que a minha família fica tão ocupada preparando tudo que ninguém demora no banheiro como de costume, o que me rende minutos a mais de banho quente. O problema é que, quando me olho no espelho, existe um novo ser habitando em mim e sua cabeça amarelada chama toda a atenção no meio da minha testa.

Tento manter a calma e respiro fundo. Sorrindo para minha imagem refletida, eu posso só colocar um curativo nessa espinha e mais tarde tudo vai estar perfeito. O maior problema vai ser meu cabelo, já que a chuva o arruinou ontem. Mas nada que eu não consiga resolver. Ele pode não ficar todo cacheado e definido como antes, mas ainda ficarei bonita. Decido tomar banho, antes de lavar o rosto com a água fria e colocar o curativo, tudo pensado pro dia ser perfeito. Porque nada pode estragar a minha véspera de Natal.



Depois do banho, desço correndo pra comer o máximo de café-da-manhã que aguentar. Mila, minha irmã do meio, dança no meio da sala junto com o gato, que está com cara de poucos amigos. Passo rápido por ela dando um beijo na sua testa.

Atravesso a sala e quando chego na cozinha, pela porta dos fundos aberta vejo Noah, meu irmão mais novo, brincando de pega-pega com meu pai.

— Bom dia, mamãe! — digo já com a boca cheia d'água encarando a mesa lotada de comidas típicas de Natal.

Minha mãe está encostada na ilha da cozinha, bebericando um café, e quando dou bom-dia, ela demora um pouco para responder, dando só um aceno de cabeça e apontando para as comidas. Biscoitos em formato de trenó, panquecas com calda de morango e meu bolo de chocolate preferido.

Meus irmãos já devem ter comido, porque na mesa tem alguns pratos sujos. Eu coloco em um prato um pouquinho de cada coisa. Encho um copo com café sem açúcar e começo a comer como se a comida fosse sumir a qualquer momento. Minha mãe continua parada, as sobrancelhas arqueadas, parecendo uma estátua. Paro minha comilança, pois a conheço bem demais pra saber que tem

algo errado. Geralmente, ela fica na mesa comigo me deixando por dentro de todas as fofocas que lê nas revistas.

— Que horas vamos pra tia Jenna? — pergunto, engolindo mais um pedaço de bolo.

Ela coloca a xícara na ilha e dá uma leve batidinha no mármore, fazendo um suspense até abrir um sorriso e anunciar como se fosse a melhor notícia do mundo:

— Nós não vamos mais. — E o sorriso dela se alarga. — Seu pai conseguiu uma mesa naquele restaurante novo. Tá todo mundo falando *superbem* do lugar e fiquei sabendo que só terão reservas novas daqui a quatro meses! Você acredita na nossa sorte?

Nossa sorte? O novo restaurante é de culinária asiática e eu não sou fã de peixe cru e arroz enrolado em coisas verdes. Claro, eu sei que existem outras opções e até mesmo coisas que não são cruas, mas… Não é a definição de Natal pra mim.

O biscoito de gengibre quebra entre meus dedos e até meus ombros caem com a derrota. É uma notícia ótima pros meus pais, por isso engulo em seco e forço meu melhor sorriso.

— Claro! Vai ser ótimo, mas… não vou poder ir.

A animação da minha mãe diminui um pouco e ela cruza os braços.

— Por quê? Natal é uma época pra se passar em família, você tem algum compromisso? Alguém que não contou pra gente?

A última frase é dita com um tom de brincadeira e um sorrisinho. E a verdade é que não faço ideia do que vou fazer, pois todas as minhas amigas estão viajando, não tenho ninguém desde meu último término e também acho que o Natal é pra ser passado com as pessoas que amamos.

Dou de ombros, fingindo estar tudo bem com a situação e a quebra de *todos* os meus planos.

— Na verdade, não, mas você sabe que sushi e frutos do mar não são minha praia. Não se preocupa, deve ter várias coisas pra fazer hoje.

E é óbvio que isso é uma mentira. A cidade é pequena e a maioria vai estar no restaurante com meus pais ou jantando em casa com a família. Minha mãe também não parece muito confiante com minha

resposta, mas não pergunta mais nada. Dessa vez, ela volta a pegar a xícara e sai pro quintal, atrás do meu pai.

Mesmo com essa decepção, meu apetite continua igual e nada no mundo me faria desperdiçar os biscoitos de gengibre, ainda mais porque nem sei se vou comer algo tão natalino de noite. E só depois de estar muito cheia é que vou direto pra sala e me jogo no sofá.

Mila está na outra ponta dele com os braços cruzados e emburrada. Como não consigo achar nossa gata em nenhum lugar, suponho que o motivo dela estar assim seja esse. A gata fugiu da sua dança animada mais uma vez.

Já que minha irmã começa a me contagiar com sua falta de animação, e até agora só aconteceram coisas ruins pra minha véspera de Natal, decido subir e entregar meu relatório logo. Tenho certeza de que assim que enviar isso o dia vai melhorar e terei pensado em algo para fazer à noite.

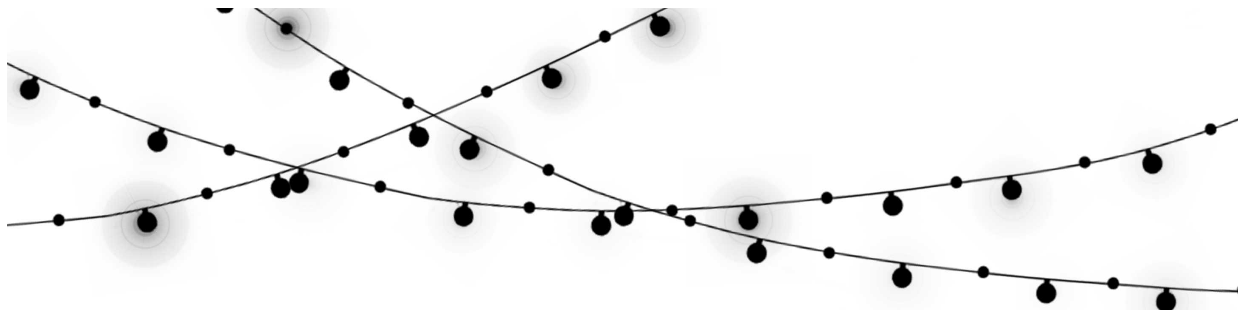
Só que quando estou de frente para o computador, ouvindo as risadas do meu irmão no quintal e os jingles natalinos ainda tocando, não consigo me concentrar no documento aberto à minha frente e faço o de sempre: começo a procrastinar lendo notícias aleatórias.

E em um desses blogs super goodvibes eu encontro a matéria perfeita: **“Seja autossuficiente nesse Natal”.** Leio tudo duas vezes. É um sinal claro da magia de Natal agindo.

Como nunca pensei nisso antes? Anoto todas as dicas e sorrio, me concentrando nas duas melhores delas:

1. Neste Natal, sua companhia precisa ser suficiente, não dependa de mais ninguém para a sua felicidade.
2. Repita sempre “nada está tão ruim” quando algo *parecer* ruim.

Até o relatório fica mais fácil e leve de fazer agora que já sei o que fazer de noite. Eu termino ele em poucos minutos, envio para minha chefe e estou pronta para o resto do dia. Só preciso contar aos meus pais a minha decisão.



A NOITE PERFEITA DE NATAL

"Você precisa fazer tudo o que pode e, se se manter positivo, você terá uma chance"
— O Lado Bom da Vida.

— Tem certeza?

É a quinta vez que meu pai pergunta. Ele está estranhando minha decisão de passar o Natal sozinha e tem razão. Primeiro que eu odeio passar qualquer data sozinha, é até um dos motivos de não sair da casa dos meus pais e ir morar sozinha. Segundo que Natais são feitos para se passar com pessoas que você ama e, terceiro, ele não confia que eu não vá colocar fogo na casa.

— Pai, eu não sou mais uma criança, vai ficar tudo bem, é sério — respondo, mas nem eu acredito muito na última parte.

Porém, estou tentando pensar no mantra que li mais cedo: vai ficar tudo bem, e também que já tenho vinte e cinco anos, eu posso ficar sozinha na véspera de Natal.

Do outro lado do quarto, na frente do espelho que cobre a parede inteira, minha mãe solta uma risadinha nasalada. Ela também não acredita muito nisso. Quando eles viajaram sem mim, tiveram que voltar porque acabei esquecendo a senha do alarme de casa e acionei ele. Em minha defesa, eu não sabia o número deles de cor e tinha acabado de trocar de celular, o que acabou com a polícia ligando diretamente pra eles, pedindo para voltarem e resolverem minha bagunça.

Minha mãe realmente se preparou pra esse jantar, nada de suéteres e moletons. Ela comprou um vestido preto com tanto paetê e brilho que vai acabar cegando alguém até o fim da noite. Ela termina de ajeitar os brincos de argola e passar o batom vermelho. Até escovou o cabelo loiro, e com esse batom sua pele branca parece ainda mais pálida.

Meu pai está lutando contra a gravata, e isso me preocupa, porque ele faz isso todos os dias, já que trabalha num escritório. E agora que começo a analisar, minha mãe deve ter comprado um novo terno para ele. Esse é preto fosco e combina muito bem com a pele marrom-escura dele.

— Rachel, eu tô falando com você! — Minha mãe bate palmas, agora ela está mais perto de mim. — Sem garotos, entendeu?

— Ou garotas — completa meu pai.

Seguro a risada porque preciso parecer séria e responsável, mas nem eles devem acreditar nessa hipótese. E nem é por eu ser encalhada ou algo do tipo, é só o estado atual em que me encontro: canetas enroladas nas mechas do meu cabelo pra tentar recuperar a definição dos cachos, os dedos rebocados de esmalte vermelho, já que tive preguiça de limpar, e pasta de dente na espinha enorme que apareceu no meu rosto — os planos de mais tarde envolvem uma máscara verde.

— Você precisa de dinheiro pra pizza ou alguma comida? — meu pai pergunta.

Eu nego com a cabeça. É um dos outros ensinamentos que li mais cedo: fazer sua própria comida torna isso mais digno. E espero que isso também sirva para pizzas congeladas.

— Ok, é hora da gente ir. As crianças estão muito quietas lá na sala e não quero me atrasar.

Levanto da cama, mas antes de deixar que meus pais só vão embora, lembro de um detalhe que não posso fazer sozinha.

— Pai, me ajuda a levar o meu colchão lá pra baixo?

Descer as escadas com um colchão nunca é uma boa ideia e sozinha as chances de quebrar algum osso triplicam. Ele concorda e sai na frente. Eu vou logo atrás e me impressiono com a força dele, o joelho dele nem mesmo estala como o meu quando ergue o colchão.

Quando descemos sem nenhum deslize pelos degraus, eu subo correndo pra deixar meu celular carregando no quarto e volto pra ajudar meu pai a arrastar um pouco o sofá pra tudo ficar encaixadinho. Minha noite vai ser perfeita! Uma TV de 60'' só pra mim, sem barulhos e podendo assistir o que quiser.

Mila e Noah começam a pular no colchão assim que vou na cozinha pegar uma faca. Já assisti filmes demais pra não deixar uma dessas ao meu lado e papai só arregala os olhos quando vê aquilo na minha mão.

— Vamos, Anthony — mamãe diz, puxando meu pai pela mão. — Vou levar as crianças pro carro. Qualquer coisa liga pra gente, Rachel.

Dou um abraço apertado e um beijo na testa dos meus irmãos, que saem correndo de casa. Minha mãe se controla para não gritar quando eles correm pelo quintal da frente.

— Tem certeza mesmo? Podemos te esperar.

Meu pai continua parado na porta da sala, fazendo o vento frio entrar e meu pijama de flanelas não consegue me proteger dele.

— Tá tudo certo, pai. E dessa vez o número de vocês tá salvo no meu celular.

— E a chuva?

Ele tem um ponto. Eu tenho medo de chuva e no noticiário anunciaram uma tempestade, mas estou pensando positivo. Nada pode dar errado.

— Aproveita a noite com a mamãe e meus irmãos. — Coloco as mãos nos seus ombros e sorrio.

Vejo a hesitação nos seus olhos, mas ele só me dá um abraço apertado e vai ajudar minha mãe a colocar as crianças no carro, já que elas não param quietas. Dou um tchau rápido quando o carro finalmente começa a se mover e fecho a porta com tudo por causa do vento.

O silêncio é a primeira coisa a começar a me assustar. Eu realmente sou uma grande medrosa, então só ligo a TV e aumento o volume o mais alto possível. Deixo em uma série qualquer e respiro fundo, um sorriso começando a brotar no meu rosto.

Ficar sozinha é estranho, mas é Natal e não Halloween, então não há nada a temer. Até mesmo a chuva lá fora está tranquila, começo

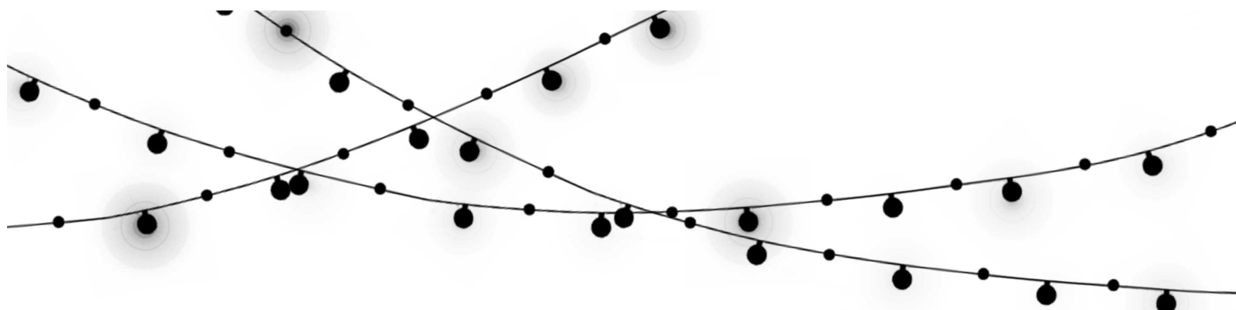
até a gostar um pouco do barulho dela junto com o cheiro de terra molhada.

Aproveito esse momento de felicidade e vou cantarolando até a cozinha, colocando a pizza no forno e começando meu cronograma do melhor Natal de todos.

Primeiro passo: skin care!

Subo as escadas correndo de animação. Finalmente poderei colocar minha máscara de pepino sem assustar meus irmãos, e depois é só descer, pegar minha pizza e maratonar alguma série.

Por que não tive essa ideia antes? Passar a noite sozinha é a melhor coisa que eu posso fazer e nada pode dar errado hoje. É contra as regras da magia de Natal e do bom velhinho.



O MEU PESADELO DE NATAL

"— O senhor não é um pouco velho para ter medo?
— A gente envelhece pra muitas coisas, mas nunca pra ter medo."
— Esqueceram de mim

Ajeito algumas canetas no meu cabelo. Essa é uma técnica que vi na internet e sempre uso em emergências. Decidi que iria aproveitar o banheiro só pra mim, já que quando meus pais e irmãos estão aqui é impossível tomar um banho longo sem baterem na porta. Então fiz a skin care mais demorada da minha vida e já sinto todo o frescor no meu rosto enquanto passo a máscara verde e melequenta de pepino. Reduz as olheiras, é o que diz na embalagem, e eu realmente estou precisando disso.

Seguro a careta olhando meu reflexo porque a beleza tem um preço caro. Primeiro você tem que ficar feia pra depois ficar estonteante. Estou passando mais uma camada da máscara quando o cheiro de queimado me lembra de uma coisa: minha janta.

Jogo o tubinho do produto no lixo e saio correndo do banheiro indo para o corredor. Eu pulo de dois em dois degraus na escada pra chegar o mais rápido possível na cozinha e, quando abro o forno, a fumaça me faz tossir e me afastar. Abano com a mão. Demoro a achar o pano de prato e tirar a bandeja de pizza lá de dentro. Desligo tudo em seguida, antes que eu cause um incêndio.

Encaro os pedaços carbonizados de pizza, é até como se as calabresas zoassem minha cara e eu continuo ali, apoiada no

balcão, olhando pra elas. Meus olhos começam a arder com as lágrimas de raiva, mas olho para o teto e respiro fundo. Me manter positiva é um dos passos e aquele site era muito confiável pra eu só jogar essa dica fora.

Respiro fundo de novo, cantarolando o mantra de "vai ficar tudo bem". Pego um prato, uma faca e um garfo e começo a tirar os pedaços que ainda podem ser comidos. Já me sinto bem melhor e faço uma nota mental de levar essas dicas pro trabalho.

Vou pra sala sorrindo, coloco meu prato com os pedaços de pizza semiqueimados em cima do colchão e ponho minha série favorita. A chuva aumentou e eu mantenho o volume da TV bem alto, tentando ignorar os trovões. Me acomodo e começo a comer enquanto o episódio começa.

A chuva vai ficando cada vez mais forte e, em certo momento, a altura máxima da TV não consegue mais competir com a natureza. Tento me manter calma, mesmo que meu corpo já comece a tremer.

Respiro e inspiro. A chuva não pode me pegar dentro de casa e, enquanto eu estiver aqui dentro, não preciso ter medo. E é no meio desse pensamento que um clique muito alto acontece e… Tudo fica escuro.

Meu coração parece que vai saltar da boca a qualquer momento e todas as informações úteis que eu guardo para momentos assim só somem. Levanto rápido me apoiando no sofá, me forçando a respirar o mais normal possível. Porque aqui vai um segredinho: eu tenho *muito* medo do escuro. Ok, talvez seja mais medo das coisas que podem existir no escuro.

Tenho que lembrar a mim mesma que monstros não são reais e, se eles fossem, eles não se materializariam na minha sala só porque a luz apagou. Eu nem sou alguém tão interessante assim pra algum monstro querer manter contato e… Não tem nada aqui. Nada vai me pegar, porque não tem *nada* aqui.

Fecho os olhos, mesmo que não faça diferença, e vou andando de costas, batendo nos móveis e seguindo para trás, chacoalhando as mãos também pra ter certeza de que não há nada se aproximando. Bato o quadril na mesinha que fica perto da entrada de casa e sorrio, dando mais alguns passos para o lado. Meu calcanhar é o primeiro a entrar em contato com a minha salvação: a porta de madeira.

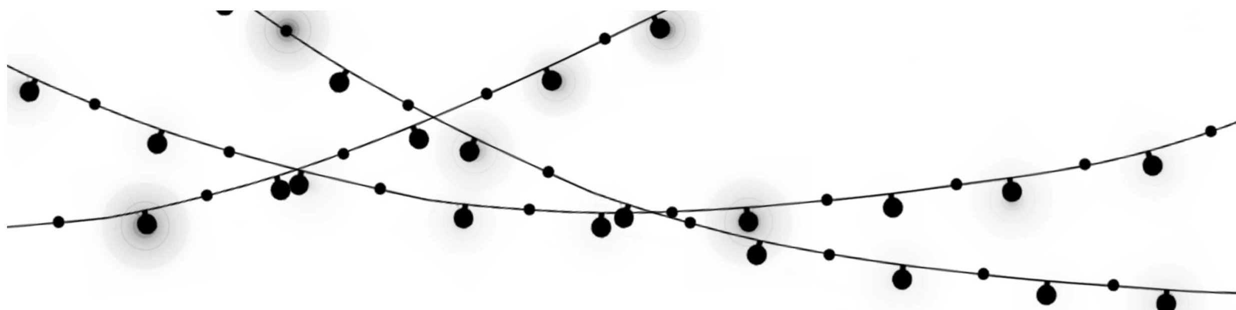
Me viro, girando a maçaneta o mais rápido possível, agradecendo mentalmente pela minha irresponsabilidade de nunca trancar a porta e saio, fechando-a atrás de mim. Mantenho os olhos fechados, respirando o ar frio. Algumas gotas salpicam em mim por causa da intensidade da chuva, mas a varandinha da entrada é o suficiente pra me manter segura.

Assim que estou melhor, abro os olhos e reprimo um gritinho porque um dos meus maiores medos é real: a cidade TODA está sem luz. E eu sei disso porque minha casa fica na maior colina e dá pra ter uma visão ampla do resto da cidade. Benefício de morar em um lugar tão pequeno, mas que agora só me apavora.

E só agora que me dou conta de algumas coisas: eu seria a primeira a morrer em um filme de terror, já que em nenhum momento pensei em pegar a faca que tinha colocado por perto para situações de emergência, e a pior de todas é que deixei meu celular carregando no segundo andar. De maneira alguma vou entrar na casa toda escura só pra procurar por ele, e isso significa ficar aqui de fora, congelando, até meus pais voltarem.

Nesse momento, preciso respirar fundo e pensar em algo que me ajude. Paro de olhar pra frente, já que só estou ficando mais apavorada vendo tudo escuro. Tento encontrar algum vizinho do lado de fora e, quando me viro para o lado esquerdo, volto a acreditar na magia do Natal. Luz! A única que vi até agora. Entretanto, meu alívio dura só por um tempo até eu ter a noção de onde vem. Porque não é uma vizinha comum.

Quem mora lá é Lisa.



O ESCURO NÃO PARECE TÃO RUIM

"A velocidade acelerada de inexatidão terminológica. Que é a minha maneira detestável de dizer que mentiras correm rápido."
— A Mentira.

Lisa é a última pessoa a quem eu pediria ajuda.

Ok, nas circunstâncias que estou, eu aceito ajuda de qualquer pessoa. Até *dela*. Por algum motivo, o meme que ela me enviou na rede social fica repassando na minha cabeça. Será que ela guarda algum ressentimento por eu ter só ignorado?

Não que isso faça diferença no nosso "relacionamento" atual. Faz tantos anos desde que tudo aconteceu que sempre me questiono se ela lembra de tudo ou só eu ainda fico remoendo isso. Cada vez que a vejo, nos raros momentos em que nos encontramos no quintal, é como se eu voltasse ao passado e àquela maldita cartinha.

Sou uma adulta e não deveria ter medo de monstros, poderia muito bem entrar na minha casa e não ter que encarar Lisa. A sua implicância com tudo com certeza vai cair direto na minha situação e não quero ter que lidar com isso hoje. Já estou até começando a achar que aquele site é uma grande furada e eu caí feito um patinho.

Um relâmpago corta o céu, deixando tudo branco, e depois há um estrondo, que faz meus ossos tremerem. E é nesse momento de coragem — ou a falta dela — que eu começo a correr. Ignoro as gotas fortes da chuva contra meu cabelo, as canetas caindo e a

quase queda quando escorrego na grama e corro até chegar na varanda vizinha. Aqui tem luz, um pouco mais fraca do que o normal, mas já começo a sentir o calor dela.

Sorrio porque estou segura e preciso só bater na porta e pedir gentilmente que ela me deixe usar o telefone, mas aí lembro que não tenho ideia dos números dos meus pais. Lisa pode me ajudar a achar o telefone do restaurante. É, ela com certeza me ajudaria nisso mesmo com nossa rixinha.

Mais confiante e com um sorriso no rosto, bato na porta de madeira e espero. Lisa é quem abre. Ela é mais alta do que eu.

— Rachel? O que você tá fazendo aqui?

Mordo a boca quando vejo a taça pela metade na mão de Lisa. Droga. Com certeza atrapalhei seu jantar, mas o frio me faz começar a bater queixo e a roupa molhada não ajuda em nada. Mesmo tremendo, tento manter minha voz firme:

— Bom, a luz acabou e pensei que você poderia me dar abrigo ou deixar que eu ligue pros meus pais avisando que estou aqui.

Lisa bloqueia a entrada com o corpo e fica olhando para trás. Ela arqueia a sobrancelha, que está inchada e com um piercing novo que não tinha ontem. Vinho e um novo piercing não parecem uma boa combinação, mas não digo nada disso.

Por um momento, acho que Lisa também está com frio, já que, mesmo com a jaqueta, seus ombros começam a tremer um pouco até que ela não aguenta mais segurar e começa a rir. Rir da minha cara.

Minhas bochechas esquentam e só agora processo que eu estava fazendo skin care, o que significa que minha máscara verde derreteu toda pela minha cara. Toco o cabelo e tem só uma caneta lá, além disso, o creme também escorreu pela minha roupa. Eu sou um desastre de Natal.

Abro a boca pra dizer poucas e boas para Lisa, ela deveria entender o que estou passando, mas alguém grita o nome dela e minha vizinha para de rir no mesmo instante.

Lisa engole em seco e coloca a cabeça pra dentro de casa, gritando um “já vou”. Dessa vez, quando volta a me encarar, não tem resquício nenhum da sua risada. Ela sai, a boca é só uma linha fina no rosto, fecha a porta atrás de si e fica parada na minha frente.

Agora a varanda parece muito pequena pra dividir o espaço assim com ela, mas me mantenho quieta. Lisa limpa a garganta antes de apontar pra mim:

— Eu lembro do seu medo de escuro e tudo bem você ficar aqui em casa, com uma condição.

Está bem na cara que preciso da ajuda dela, senão não teria batido na sua casa mesmo sem nosso passado. A questão é que meu desespero é muito maior do que Lisa pode imaginar, porque eu nem preciso saber a condição pra ter um SIM na ponta da língua.

Claro que não digo isso de cara, só mexo a cabeça pra que ela continue a falar.

Lisa dá um passo para trás, os ombros tensos, e me olha de cima a baixo como se eu fosse uma completa estranha.

— Minha irmã acabou de casar e achou que eu precisava da ajuda dela pra desencalhar — ela solta um suspiro e dá um gole no vinho. — Acontece que a brilhante ideia dela foi arrumar esse encontro às cegas, mas eu menti e disse que tinha uma namorada.

Ela diz isso e fica me encarando. Eu entendi que ela precisa de um namorado de mentirinha, mas não é possível que ela ache que dá pra fingir ser um cara.

— E você quer que eu faça o quê? Não tenho roupas masculinas ou algo do tipo.

A sobrancelha grossa de Lisa se arqueia e ela balança a cabeça, como se tivesse ouvido a coisa mais idiota do mundo.

— Rachel, eu sou lésbica.

Sua frase é dita bem lentamente, como se ela quisesse garantir que eu entendesse a informação. Pisco meus olhos várias vezes porque isso claramente é uma pegadinha.

Ainda lembro da noite em claro que passei escrevendo sobre meus sentimentos e como ela simplesmente ignorou tudo, me trocando por um garoto idiota. O que torna tudo ainda pior. Se Rachel sempre gostou de garotas, significa que ela não gostava *de mim* e por isso me deu um pé na bunda.

— Então, você topa? — ela fala de forma ríspida, me tirando do devaneio.

Não é como se eu tivesse outra opção, então reviro os olhos e respiro fundo.

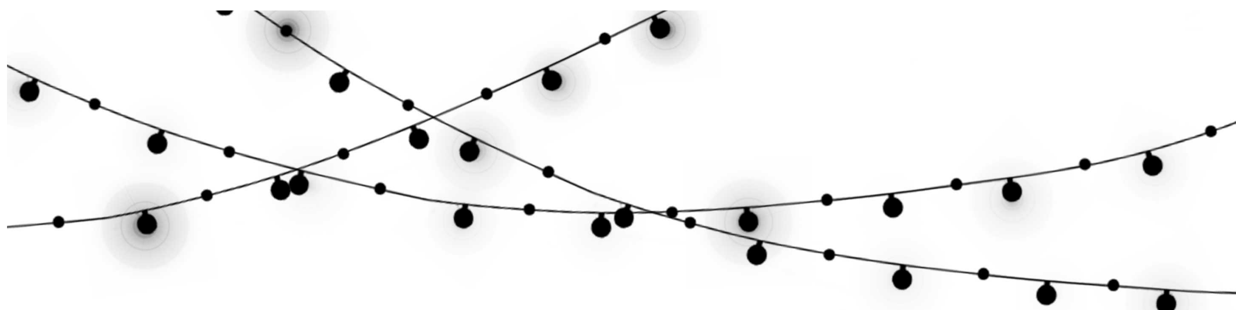
— Topo.

É nítido como ela está aliviada, pois seus ombros caem um pouco e ela suspira. E aí volta a ter aquele sorriso no rosto, o que sempre antecede algum comentário maldoso — um sorriso de lado muito bonito, por sinal.

— Ok, vamos entrar, mas antes a gente precisa dar um jeito em você. A menos que não ligue de jantar com minha família parecendo uma sobremesa derretida.

Ali está a Lisa de sempre. Seguro a vontade de mostrar o dedo do meio pra ela porque, nesse momento, ela é minha única salvação e também porque estou louca por um banho quente. Então só sorrio e começo a segui-la.

Não acredito que vou fingir ser a namorada de Lisa depois de ter superado o fato de que eu nunca seria sua namorada, nem de mentirinha.



UMA MENTIRINHA NÃO PREJUDICA NINGUÉM

"Não importa o destino, o que importa
é decidir embarcar."
— O expresso polar.

O lado de dentro da casa cheira a peru e vinho. Ouço algumas vozes vindo do cômodo ao lado, provavelmente a sala de jantar, e me sinto mais ansiosa.

Lisa vai na frente, mas pede pra que eu tire os sapatos antes de entrar. Claro que não adianta tanto quando meu corpo inteiro parece derreter, mas só obedeço e ela aponta para a escada, colocando o dedo sob o lábio. Um pedido claro pra que eu fique calada e não estrague tudo.

Ela olha para todos os lados, e quando tudo parece tranquilo, Lisa faz um "vai vai vai" sussurrado e eu não hesito em ir o mais rápido possível pro andar de cima, mas, quando estou na metade do caminho, começo a escutar os murmúrios lá de baixo e a voz alterada de outra pessoa.

Pela educação que minha mãe me deu, eu só deveria seguir meu caminho e não prestar atenção na conversa dos outros, mas sou curiosa e fofoqueira demais pra isso. Então, segurando o corrimão e usando a sombra que a parede cria pra me esconder, desço dois degraus pra ouvir melhor.

— …. eu acho que você tá inventando alguém. — A voz mais alta diz.

— Você nunca acredita em mim, Loren. É por isso que temos uma estranha na mesa e minha n-namorada acabou de chegar. — Essa é a voz de Lisa, mais baixa.

Um silêncio e eu começo a roer as unhas. Loren é a irmã mais nova de Lisa, ela sempre implicava com a gente porque era superpopular e dizia que a gente destruía a reputação dela sendo tão caretas. Loren era do tipo que fazia coisas erradas e escapava com um sorriso bonito, e não parece que isso mudou.

— É? E cadê ela? Namorar alguém invisível não conta.

— Tomou chuva. Não sei se você percebeu que tá rolando uma tempestade lá fora. Tá todo mundo sem luz, e sorte a nossa que o gerador de casa ainda funciona. — Um suspiro irritado depois e Lisa continua: — E eu preciso subir pra ajudar ela achar alguma coisa antes de ir pro nosso *querido* jantar.

— Tá, se ela precisar, pode pegar alguma roupa velha no meu quarto. — Loren termina a conversa e escuto os passos se afastando.

Essa é a minha deixa pra continuar subindo antes que Lisa me veja e saiba que escutei tudo. No andar de cima, não consigo ir rápido porque começo a notar todas as mudanças que tiveram aqui, já que faz anos desde a última vez que entrei nessa casa. Agora as paredes cor de creme estão lotadas de retratos que variam de tamanho, mas são quase todos de Loren sozinha, com o marido ou segurando o diploma em mãos. As poucas fotos em que Lisa aparece, ela sorri falsamente para a câmera.

O carpete foi substituído pelo piso de madeira escura e as portas não têm mais adesivos grudados mandando manter distância. É na última porta do corredor que eu entro, o quarto de Lisa.

Fico parada no tapete felpudo, a água escorrendo do meu corpo e se acumulando ali. Espero que Lisa chegue logo e me dê uma toalha pra que eu não suje todo seu quarto. A cama de dossel é uma bagunça de lençóis e travesseiros; há uma escrivaninha do outro lado do quarto, duas portas onde fica o guarda-roupas embutido, uma enorme prateleira cheia de livros e um espelho que pega o corpo inteiro. Tirando esses móveis, o quarto é quase vazio, com cheiro de incenso de lavanda, sem nada espalhado pelo chão além do tapete.

E aqui é onde percebo as maiores mudanças. Os móveis são novos e diferentes do cor-de-rosa-claro que ela tinha antigamente. As únicas coisas que permanecem iguais é o fato de Lisa ser uma tremenda nerd, com livros e pôsteres de filmes que eu nunca tive vontade nenhuma de ver.

Tento não ficar olhando meu reflexo todo derretido no espelho e foco nas portas duplas de vidro que dão pra pequena sacada, que era nosso lugar favorito quando crianças, porque dava pra montar uma cabana e fingir que a gente tinha ido acampar.

Meu peito aperta um pouco com todas as lembranças que esse lugar me traz. Lembranças minhas e de Lisa.

A porta se abre e levo um pequeno susto. Lisa me encara com a sobrancelha erguida enquanto segura uma toalha na mão e shampoo e condicionador na outra.

— O banheiro ainda é naquela porta. — Ela aponta na direção da escrivaninha e estende as coisas que trouxe pra mim. — Vou te esperar aqui, tá? Não quero ficar ouvindo sobre o novo emprego da minha irmã e eu e você ainda vamos precisar acertar alguns detalhes.

Só assinto, pegando as coisas, e vou direto pro banheiro. Jogo água fria no rosto, tirando o resto da máscara, e quando removo meu pijama, torço um pouco ele no box pro excesso de água sair e eu pendurar de qualquer jeito. Depois, ligo o chuveiro quente e abro o primeiro sorriso sincero desde que o blackout começou.



A roupa que Lisa conseguiu no quarto de Loren é bonita. Uma camisa de mangas compridas bege de gola alta, uma calça larga azul-clarinho, além dos coturnos gastos de Loren. Tive que pegar um cinto preto de Lisa pra calça não ficar caindo. Consegui dar um jeito no meu cabelo e termino de amassar os cachos enquanto Lisa fica atrás de mim com os braços cruzados.

— Dá pra ir mais rápido? — ela diz.

Reviro os olhos, passo um gloss rápido e depois me viro para ela.

— Preciso parecer que tinha me arrumado pra vir pra cá, né?

Lisa nem me responde, ela só vai até a cama e se senta na beirada do colchão. Quando eu não me movo, é ela quem revira os

olhos e dá duas batidinhas ao lado dela. Suspiro, indo me sentar ao lado dela. Lisa coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e pigarreia.

— Temos que combinar algumas coisinhas porque minha família vai te interrogar — ela diz e eu assinto pra que continue: — Então, vamos pelo básico: há quanto tempo estamos juntas? Quatro meses?

— E você nunca teria falado de mim nesses meses? A gente era amiga, lembra? Sua mãe sabe quem eu sou e também sabe que eu sumi daqui. Ou a gente faz algo muito certo ou essa mentira não vai colar.

Lisa dá de ombros.

— Você é uma péssima namorada — brinco. — Que tal um mês? A gente se conhece há muito tempo, mas só mês passado começamos a sair e deu certo o namoro. Algo recente é mais fácil de explicar porque somos vizinhas e eu nunca vim aqui desde o começo do namoro.

Ela abre um sorriso, e é um sorriso tão lindo que preciso desviar o olhar dela por um segundo.

— Você sempre pensando em todos os detalhes, por isso era uma chata nas festas — brinca.

O tom irônico dela me irrita, mas abro um sorriso. Não sou só eu quem preciso dela e ela sabe disso. Me endireito e não consigo ignorar seu comentário.

— Se a gente depender do seu planejamento e raciocínio lógico, nosso namoro realmente não vai existir, né? Eu não pensei em *tudo*, eu pensei no *básico*.

Ela coloca a mão no lado direito do peito como se eu a tivesse atingido e começa a rir. Lisa é um ano mais velha do que eu, mas só na idade. Sempre foi assim: ela é a parte impulsiva que só faz as coisas sem pensar, enquanto eu preciso tentar planejar tudo e, mesmo assim, sempre dá algo errado no final. Como todo o dia de hoje.

— Próxima questão: como foi o nosso primeiro encontro romântico ou pedido de namoro? Como a gente voltou a se falar? — ela pergunta quando cruzo os braços esperando suas risadas acabarem.

— Tá, não dá tempo de ficar planejando os detalhes, e se ficarem perguntando muito a gente pode se embolar, então vamos pelo simples. Eu fui na boate que você é DJ, fiquei muito bêbada e você me ajudou a voltar pra casa. Como agradecimento, eu te chamei pra um jantar e pronto, a química rolou.

— Nossa, você é tão egocêntrica. Podia me agradecer com dinheiro, mas preferiu me chamar pra um jantar. Cafona!

Reviro os olhos. Como eu já pensei em namorar alguém assim? Com certeza ela não era tão chata antes.

— Tem uma ideia melhor? — eu a desafio com os braços cruzados.

— Você tem razão — Lisa dá de ombros. —, mas falta a gente colocar mais detalhe, tipo, o que faz as pessoas namorarem?

— Beleza? Amor? Status social? Sei lá, meus namoros só… aconteciam, e eu nunca tive um namoro sério assim.

A informação sai rápido demais e eu quero voltar no tempo e calar minha própria boca. Lisa é perigosa com informação demais e ela começa a segurar uma risada ou um comentário maldoso, e claro, não demora muito:

— Por quê? Você é tão *divertida*.

Mostro o dedo do meio me levantando da cama.

— Se você não precisa da minha ajuda, eu posso ir embora, a luz já deve estar voltando mesmo.

E isso é mentira. Já teve dois blackouts antes que demoraram quase um dia para voltar a luz e minha mãe não quis comprar um gerador porque era um “gasto desnecessário”. Lisa arregala os olhos e também se levanta. Ela respira fundo e coloca as mãos nos meus ombros. Seguro a respiração, erguendo um pouco a cabeça pra fitar seus olhos escuros.

— Desculpa, eu preciso de você sim, tá bom? E tá faltando só uma coisa pra você ficar pronta.

Ela me solta e eu consigo respirar novamente. Lisa vai até a escrivaninha e tira uma caixinha prateada de dentro da primeira gaveta, depois volta a ficar na minha frente, me encarando.

— Vira, por favor — pede.

Minhas pernas tremem um pouco, e quero me xingar por estar parecendo a mesma adolescente de antes, ainda mais depois de

tudo o que Lisa fez e continua fazendo. Não é tão fácil deixar o passado pra trás quando ele tem um belo par de olhos pretos.

Viro e Lisa se aproxima mais, consigo até sentir o seu calor contra as minhas costas e um arrepio me atravessa quando ela passa o colar pelo meu pescoço. Seguro o pingente. Ele é vermelho-terroso e redondo, uma imitação do planeta Marte. O nosso antigo colar da amizade.

— Você ainda tem isso — sussurro, me virando pra ela novamente. — Eu achei que tinha perdido.

— Ele sempre combinou com seus olhos, deve ser por isso que guardei. — Ela dá um passo para trás, me analisando. — Você está linda, Rach.

Abro a boca pra dizer o mesmo, mas fico em choque por ela estar falando sério e ser um elogio. Minha demora pra responder é interrompida pela porta sendo aberta abruptamente.

— Mamãe mandou chamar vocês.

É Loren, a irmã mais nova. Ela é o oposto de Lisa, com os cabelos tingidos de loiros e alisados num corte chanel; seus olhos são azuis e tem um corpo magro, além do sorriso perfeito e falso. Ela me olha de cima a baixo, entrando no quarto.

— Você realmente existe e… Rachel?

Lisa fica tensa, mas dou um passo para frente pegando sua mão e abro um sorriso.

— Sim, às vezes, o amor tá na casa ao lado, né? Só precisa procurar um pouquinho no passado.

Tento brincar e fazer o tom mais casual que consigo, mesmo com o nervosismo de Lisa e o meu próprio.

— É, sei. Não demorem muito pra descer, tá todo mundo louco pra conhecer a namorada de Lisa. Que pelo visto nem precisa ser apresentada — ela diz, sarcástica.

Eu assinto e Lisa faz o mesmo. Loren entende sua deixa e sai do quarto. Quando a porta se fecha, Lisa deixa os ombros caírem e solta o ar com força.

— Desde que ela casou com aquele cara nem parece que é a minha irmã, parece mais uma estranha. Antigamente, ela implicava com coisa boba, mas agora é sempre assim, como se ela soubesse de tudo e fosse melhor que eu — Lisa fala de uma vez.

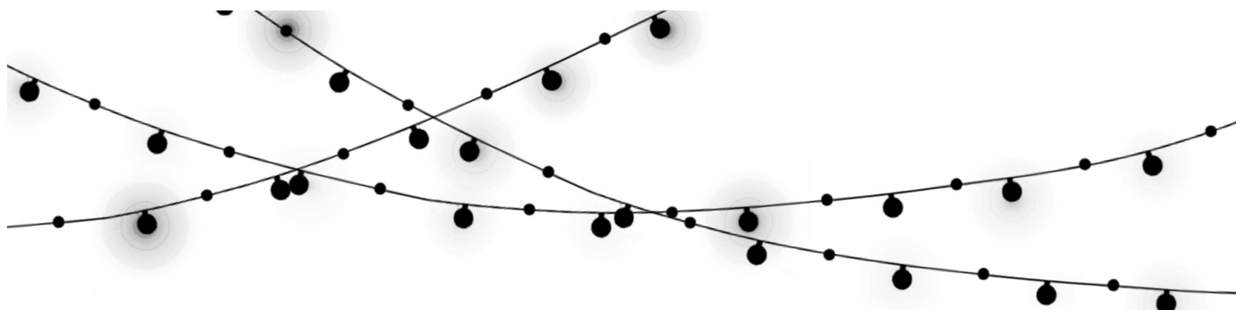
Eu aperto sua mão, tentando mostrar algum apoio.

— Quanto antes a gente descer, mais rápido o jantar acaba — digo.

Lisa devolve meu aperto e abre um sorriso, sincero dessa vez.

— Não dá pra fugir dos problemas, infelizmente.

Concordo com a cabeça e Lisa começa a me puxar para fora do quarto, como fazia antes, quando ainda éramos uma dupla inseparável.



UM JANTAR SEM MAGIA DE NATAL

"Pareceu tão errado, pareceu tão certo. Não significa que estou apaixonada essa noite."
— I kissed a girl

Eu quis enfiar a minha cabeça em um buraco quando cheguei à mesa de jantar. Coral, a garota que convidaram para o encontro surpresa de Lisa, apenas sorriu quando teve que trocar de lugar pra que eu sentasse ao lado da minha "namorada". Além da vergonha, fiquei com dó, porque a garota foi educada o tempo todo e também por ela ser muito bonita, com os olhos verdes e o cabelo preto curtinho.

Na ponta da mesa, Diana, a mãe de Lisa, me encara com a cabeça erguida. Ela tem os mesmos olhos pretos que Lisa e uma pele branca pálida; os cabelos brancos estão muito bem penteados para trás e ela tem anéis em todos os dedos das mãos.

Diana não mudou em quase nada, sempre usando vários acessórios. Uma vez eu acabei dando um anel de plástico pra ela só por achar que valesse igual aos de ouro que ela usa.

Foi por causa de Diana e sua mania de comprar colares que Lisa e eu tivemos o nosso e, por reflexo, me pego tocando no meu.

Loren e Brian, o marido dela, ficaram de frente pra mim e Lisa e tento não reparar muito na cabeça calva de Brian, nem nos olhos pequenos e azuis que ele fez questão de estreitar na minha direção.

Lisa enche a taça à minha frente de vinho, depois enche a dela e todo mundo começa a encher os próprios pratos. Respiro aliviada agora que a atração principal voltou a ser o peru enorme em cima da mesa, e bebo um gole do vinho, sentindo a quentura da bebida melhorar a minha ansiedade. Também aproveito pra encher meu prato, já que a minha pizza foi mais um desastre dessa noite.

— Então, Rachel, quanto tempo, hein? — Diana me pergunta, largando os talheres e cruzando os dedos em cima da mesa. — Você e a Lisa estão juntas há quantos meses?

— Um mês, demorou pra ela ter coragem de me pedir em namoro — respondo, tentando não falhar a voz pelo nervosismo.

— E nunca tínhamos ouvido falar de você, não como *a* namorada. — Dessa vez é Brian quem diz, com o tom arrogante. — E por que tanta demora pra chegar?

Já que o interrogatório começou, dou mais um gole, molhando a garganta e alargo mais meu sorriso.

— Eu pedi pra que ela não contasse a ninguém, sou supersticiosa com algumas coisas e, bom, está chovendo e eu acabei saindo mais tarde do meu trabalho.

Diana só balança a cabeça, satisfeita com minhas respostas, mas Lisa enche mais uma taça de vinho, bebendo a metade num gole só. Ela está angustiada ao meu lado, o maxilar tenso, assim como seus ombros.

Quando ninguém mais fala nada, eu continuo a comer, tentando ignorar os olhares de Loren e Brian. O barulho de talheres batendo nos pratos é interrompido pelo arrastar de uma cadeira e todo mundo vira a atenção para Coral, que agora segura a bolsa preta e abre um meio sorriso.

— Acho melhor eu ir indo — ela diz baixinho.

Meu coração se aperta mais, mas Brian também se levanta, o rosto branco agora vermelho de raiva e ele mantém a boca pressionada quando chega mais perto da garota.

— Não precisa ir, você ainda pode passar o Natal com a gente — ele diz.

Coral nega e faz um floreio com a mão:

— Não quero atrapalhar.

Brian olha para mim, o olhar fumegante, e tenho certeza de que se ele tivesse o poder de queimar alguém com os olhos, eu seria a vítima dessa vez, mas não diz nada. Só assente e depois olha para Loren, que também balança a cabeça, concordando. Coral e ele saem, enquanto Diana só solta o ar com força e Lisa bebe mais.

Quero pedir pra que ela vá com calma, não sei o quanto álcool ela aguenta antes de capotar e, se depender de mim como comparativo, deve ser bem pouco, mas ela parece igual antes, nada bêbada.

Volto a comer, mesmo que o clima esteja todo tenso e que Loren só fique mexendo as coisas de um lado para o outro no prato dela. Então Diana também para de comer, limpa a garganta e entrelaça os dedos com as mãos em cima da mesa.

— O que você faz da vida? Trabalha? Estuda? — ela pergunta.

Ergo a mão pedindo pra que ela me espere engolir e sorrio sem mostrar os dentes.

— Trabalho sim, no Museu de Artes.

— E como você e Lisa viraram namoradas? Eu lembro que você não gostava muito dela na escola. — Loren largou a comida, afastando o prato.

Engulo em seco porque não dá pra falar a verdade e eu não fazia ideia de que Loren fosse se lembrar disso, já que, mesmo sendo mais nova, ela sempre andava com os populares. Além disso, não dá pra falar: "ah, então, naquela época eu mandei uma cartinha me declarando para a sua irmã e ela nunca me respondeu! E uma semana depois começou a namorar nosso outro amigo".

Foi um choque chegar na escola e saber dos boatos. Lembro até hoje que Lisa tentou falar comigo, mas eu me sentia tão humilhada que só fugia. O ensino médio foi baseado em a evitar o máximo possível e empurrar minha paixão platônica até ela ficar escondida e deixar de existir.

— Eu fui na boate que Lisa trabalha e acabei bebendo mais que o normal. Ela me levou pra minha casa e como uma forma de agradecer, chamei ela pra jantar. Quando Lisa tomou coragem, me pediu em namoro, não foi nada demais — digo.

Loren balança a cabeça, mas tenho certeza de que não acreditou em nenhuma palavra do que eu disse. Ela abre a boca pra fazer mais uma pergunta, mas é interrompida por Brian, que entra na sala

de jantar. Ele arrasta a cadeira e se senta com força, o rosto ainda mais vermelho, e agora suas roupas estão molhadas.

Diana suspira e se volta para Brian:

— Tudo bem com Coral?

— Sim, ela teve que pegar um táxi e pagar o dobro por causa da chuva, mas… — ele dá de ombros, me fuzilando com os olhos mais uma vez — vai chegar bem em casa.

Voltamos ao silêncio e agora só Brian come, até Diana o observa, e então ele ergue a cabeça e me encara. O rosto vermelho é um conjunto com as mãos brancas de tanto apertar os talheres:

— Lisa, pelo menos no Natal você poderia ser menos egoísta e avisar que vai trazer alguém. — Ele tenta controlar a voz, mas ela sai alta mesmo assim. — Por exemplo, uma amiga sair no meio da noite de Natal porque você não pôde ser sincera e contar pras pessoas que tá namorando. A gente acha que está te ajudando a desencalhar e aí você faz isso.

— Não pedi pra ninguém convidar outra pessoa e deixei claro que eu não precisava de ninguém pra ser feliz — Lisa rebate, mas faz uma careta assim que percebe o que disse.

Brian fica satisfeito e sorri, olhando diretamente para mim. Engulo em seco, pegando mais uma azeitona que Lisa coloca no meu prato. Ela não comeu nenhuma delas.

O gesto de Lisa de me dar a azeitona é tão natural que me faz esquecer que passamos muito tempo sem sair juntas. Quando éramos mais novas, isso era feito em segredo. Quando Diana comprava ou fazia pizzas, Lisa sempre pedia pra que a mãe colocasse mais azeitona, dizendo que as amava. Mas era só pra mim, porque *eu* gostava.

Diana se levanta pedindo licença, depois volta com pratos pequenos e sai de novo, provavelmente para trazer a sobremesa. Lisa ajeita tudo no meio da mesa e dá um sorriso pra mim. Ela começa a recolher os pratos de quem já terminou e leva para a cozinha, me deixando sozinha na mesa com os lobos me observando.

— Você já falou com a Lisa de irem morar juntas? Espero que já tenha colocado na cabeça dela que ser DJ não é uma profissão muito... respeitável — Loren recomeça o interrogatório.

Eu tinha sido avisada das várias perguntas, mas já está começando a me cansar e preciso me lembrar que estou fazendo um favor, mesmo que o escuro pareça bem mais interessante do que ficar aqui.

— Acho que ela deve seguir o que achar melhor. — Dou de ombros. — Eu sou a namorada dela e não tenho direito nenhum de interferir no que ela quer pro futuro, a única coisa que posso fazer é ajudar ela a construir o que escolher.

O sorriso de Loren se alarga e ela até se inclina um pouco sob a mesa. Podem se passar vários anos, mas ela continua a mesma, pronta para cutucar algum ponto fraco de Lisa, por nada. Só porque Loren é assim e ela nunca muda.

— É triste você pensar assim, eu acho. Vocês deveriam pensar em crescer juntas. Lisa já fez uma faculdade meia boca de Literatura e agora está nesse emprego noturno. Sabe que tipo de pessoas frequentam esses lugares? — Ela faz uma pausa, procurando o olhar do marido, e depois dá de ombros. — Além disso, vocês duas já estão bem grandinhas pra continuarem morando com os pais, até eu que sou bem mais nova já moro com meu marido.

Brian dá um beijinho na bochecha dela e eu me seguro para não revirar os olhos. Mesmo que minhas bochechas já estejam quentes, dou mais um gole no vinho.

— Acho que as pessoas que frequentam esses lugares são do mesmo tipo que vão a outros lugares de manhã. Moro com meus pais porque gosto da minha família e eles são ótimos comigo e aceitam bem as minhas escolhas.

Os dois parecem estar gostando do joguinho, deve ter um prêmio “quem consegue irritar a namorada de Lisa primeiro” e eles estão quase conseguindo, mas Diana volta com um bolo e coloca na mesa. Lisa vem logo atrás com uma jarra de água e copos limpos. Ela abre um sorriso amarelo, como se pedisse desculpas, e eu balanço a cabeça.

Lisa senta ao meu lado e pega minha mão direita dando um beijinho. O ato é tão inesperado que fico a encarando e ela dá uma piscadinha pra mim antes de começar a cortar o bolo e distribuir pra todo mundo.

Loren abre a boca mais uma vez, mas Diana pigarreia e a filha não diz nada. Finalmente, paz pra mim.

— Vamos deixar Rachel em paz, já fizemos perguntas demais — Diana diz e me lança um olhar amoroso. — A sobremesa de Natal é muito importante, então vamos fingir ser uma família normal por um tempo, certo?

Todos assentem e Lisa sorri pra mim dando uma piscada. Quando olho para ela, quero muito culpar as taças de vinho que tomei por causa do coração acelerado.



Lisa e eu ficamos com a tarefa de lavar e secar a louça. Na verdade, ela me arrastou pra cá e eu agradeci. Era isso ou ficar na sala conversando com a família dela, e por mais que Diana seja uma pessoa muito legal, Loren é intragável.

Estou terminando de secar um prato quando Lisa vira para mim rindo e me joga uma espuma. Ela me deu um avental mais cedo e por isso não pega na roupa, mas é quase uma declaração de guerra. Estreito os olhos.

— Não acredito que você fez isso — digo.

As bochechas dela estão vermelhas por causa do vinho que ela bebeu a noite toda e ainda tem uma taça ao lado da pia que Lisa beberica a cada prato lavado como se fosse uma vitória.

— Pois acredite, você fica com essa cara toda séria e concentrada secando louça... Merece todas as espumas do mundo.

Tento não sorrir com a sua provocação e coloco o prato no armário atrás de mim, depois finjo que vou pegar mais uma louça pra secar e enfio a mão na torneira, jogando água no rosto e um pouco no avental de Lisa.

Ela se atrapalha tentando fechar a torneira e a água cai mais dentro da sua boca. Começo a rir tanto que minhas bochechas doem e lágrimas começam a brotar nos meus olhos enquanto Lisa só me encara com os braços abertos e a mão cheia de espuma.

Lisa começa a avançar na minha direção, devagar e com as mãos erguidas. Vou recuando para trás, sem rir dessa vez e sem escapatória, porque bato o quadril no balcão da cozinha e ela chega bem perto de mim.

— Lisa… — digo baixinho, sem conseguir respirar direito pela nossa proximidade.

Ela inclina o rosto mais um pouco, diminuindo a nossa distância e não consigo tirar os olhos dos dela e depois da boca dela. Até Lisa quebrar o encantamento passando a mão cheia de espuma na minha bochecha.

— Peguei você — ela diz com a voz baixa, rouca.

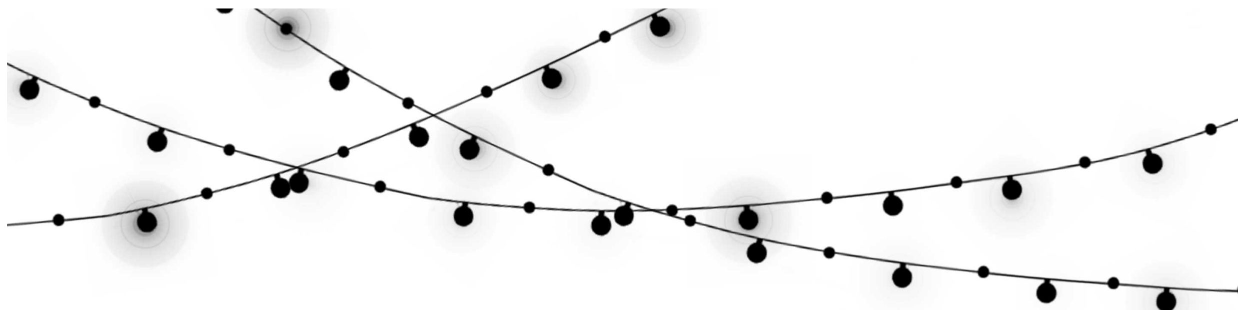
Ficamos assim, próximas demais uma da outra. O hálito de álcool de Lisa bate diretamente no meu rosto e meu coração está tão acelerado que deve ser possível ver ele batendo por cima da roupa. Ela se aproxima mais até alguém rir tão alto na sala que quebra nosso momento e Lisa se afasta, pigarreando.

Volto pro meu lugar, terminando de secar as louças que faltam. O silêncio ainda é nosso maior inimigo.

Quando acaba a louça da pia, Lisa tira o avental e pega uma garrafa de vinho na geladeira. Eu também tiro o meu avental e fico encostada no balcão.

— Vem, quero te mostrar um lugar.

Ela pega minha mão e me arrasta pra fora da cozinha.



NO TELHADO COM VINHO E LUAR

"Eu gosto muito de você. Assim como você é."
— O diário de Bridget Jones

Subimos as escadas correndo, ignorando qualquer comentário quando passamos pela sala e vamos direto pro quarto de Lisa. Ela tranca a porta e continua me puxando até a sacada. A chuva parou e agora as nuvens dão espaço pra meia lua.

— Presta atenção no caminho que eu vou fazer, tá? — Lisa diz.

Ela solta a minha mão e entrega o vinho, depois anda até a parede e começa a escalar uma escadinha escondida pelas plantas. Quando chega lá em cima no telhado, ela olha pra baixo e sorri.

— Agora me passa a garrafa e sobe.

Encaro a garrafa na minha mão e depois a cabeça de Lisa lá em cima. Altura não é um dos meus medos, quer dizer, eu consigo controlá-lo e subir escadas pequenas, mas telhado e chuva? Não parece uma combinação boa, mas a mão estendida de Lisa e o álcool no meu corpo não parecem ligar tanto pra questões de segurança porque eu entrego o vinho pra ela e começo a subir. O vento gelado faz meus pelos se arrepiarem e respiro fundo conforme vou chegando mais perto de Lisa. Ela me ajuda a terminar de subir no telhado, e eu bato o pé só pra ter certeza de que as telhas são firmes e não vamos cair.

— Uau.

É a única coisa que consigo dizer quando me sento. Daqui de cima é possível ver toda a cidade e percebo que algumas luzes voltaram a se acender, criando alguns pontinhos coloridos entre os espaços escuros. A lua parece até estar mais perto de nós.

— É lindo, né? Venho aqui sempre que quero pensar ou só… existir.

Eu assinto, ainda hipnotizada com a vista, e Lisa abre a garrafa de vinho bebendo direto do gargalo e passando pra mim. Ficamos assim por um tempo, só passando a garrafa e em silêncio.

— Agora não tá tão bonito porque choveu e ficou tudo nublado, mas você deveria vir aqui quando o céu estiver limpo e com a lua cheia, sei lá, parece que faz tudo ser possível.

Quero dizer que entendo um pouquinho sobre a sensação. Quando Lisa quebrou meu coração, eu fiquei alguns dias chorando enquanto olhava pra lua e me perguntava se aquilo ia passar.

A dor era tanta que eu pensava que ia morrer. Claro que isso acontece com todo mundo quando tem o primeiro coração partido, mas eu não sabia disso.

O álcool me esquentou um pouco, mas agora, com o vento batendo diretamente em mim, meus pelos se arrepiam e até minha cabeça parece mais pesada. Talvez seja por estar aqui em cima, mas me sinto mais corajosa.

Lisa nota meu silêncio e bate seu ombro no meu, me passando a garrafa que agora já tá na metade.

— A gente devia agradecer quem apagou as luzes? — ela pergunta.

— Por quê?

Ela dá uma risada, e mesmo com a pouca iluminação, vejo que suas bochechas estão vermelhas, assim como seus lábios.

— Se não fosse isso, você não estaria aqui comigo compartilhando esses pensamentos *filosóficos* sobre a lua ou poder fazer tudo.

Sorrio desviando o olhar, porque isso parece tanto um flerte que preciso me manter na realidade, onde Lisa nunca pensou em mim assim. Os cabelos dela estão bagunçados de um jeito que a deixa ainda mais linda, se é que isso é possível.

A última coisa que quero é estragar a noite. A *nossa* noite. Porém, não faço ideia se amanhã eu e Lisa estaremos assim, como se

fôssemos amigas ou que pudéssemos começar algo. Dou um gole longo no vinho antes de morder a boca e tirar a dúvida que sempre me assombrou:

— Você se lembra daquela cartinha?

Ela ri e olha da garrafa quase vazia para o meu rosto e posso jurar que ela sabe que estou quase bêbada e meu corpo todo está quente.

— Claro que lembro. Eu te mandei uma também, mas você nunca respondeu.

Me endireito e meu pé escorrega um pouco. Não sei se meu coração está batendo descompassado por causa do susto ou pela resposta dela. Como assim Lisa me mandou uma carta?

— Mandou uma o quê?

Ela ergue a sobrancelha, vira um pouco o corpo e fica cara a cara comigo.

— Uma carta. Não tive coragem de te entregar pessoalmente, até porque, depois que eu voltei pra escola quando fiquei boa, você faltou dois dias seguidos, e eu pensei que tinha se arrependido. Pedi pro Marcelo te entregar e depois esperei. Esperei até perceber que você estava me evitando.

— Marcelo não era seu namoradinho? Vocês começaram a namorar logo depois que eu me declarei, foi *por isso* que eu comecei a te evitar.

Lisa cai na risada inclinando o corpo pra trás e, depois de um tempo, eu a acompanho, não sei se pela bebida ou por ser tão envolvente a maneira como ela ri. Nós duas enxugamos o canto dos olhos e ela me encara o mais séria que consegue:

— Aquilo era boato. A Loren inventou pra encobrir o fato de eu gostar de meninas, ela achava que isso ia acabar com a popularidade dela na época. O Marcelo gostava de mim, mas eu dei um pé na bunda dele e ele se aproveitou da situação pra fingir ser meu namorado. Acho que isso explica o porquê de você achar que nunca recebeu uma resposta minha.

Abro a boca porque não acredito nisso. Foi meu primeiro coração partido. Meu primeiro pé na bunda. E tudo isso por causa de um garoto mal amado? Não acredito! Meu coração bate ainda mais forte e minhas mãos suam um pouco quando eu tomo coragem e

pergunto de uma vez, querendo saber a resposta para a questão que agora me atormentava:

— E qual era a resposta?

Lisa se aproxima mais de mim e agora o perfume dela se mistura ao vinho, criando meu novo cheiro favorito. Ela sorri, acaricia minha bochecha com a ponta dos dedos e olha pra minha boca.

— Eu posso te beijar? — pergunta, e eu só consigo assentir, sentindo o coração acelerado.

E então Lisa me beija. No início, estou tão em choque que não abro a boca direito, até perceber que ela *realmente* está me beijando. Não é mais um sonho adolescente. Está acontecendo.

Coloco minhas mãos em sua nuca e a puxo pra mais perto de mim, abro a boca e dou espaço para que sua língua explore a minha. Nós duas soltamos um gemido baixo conforme a intensidade do beijo aumenta. Lisa me puxa pela cintura e sua mão esquerda sai dos meus cachos e alisa minhas costas, arrepiando todo o meu corpo.

Nos afastamos para respirar, estamos ofegantes e eu sorrio quando vejo a boca dela toda vermelha e seu peito subindo e descendo rápido. Lisa beija a ponta do meu nariz antes de se afastar e bate o ombro no meu.

— Essa era a minha resposta — ela diz, sorrindo.

Fico um tempo olhando pra sua boca, que ainda está vermelha e inchada por causa do nosso beijo, depois sorrio. É como se um peso fosse tirado dos meus ombros. Mesmo que tudo tenha sido um mal-entendido, agora eu sei o porquê de nunca ter sido correspondida.

Ou melhor, agora eu sei que fui correspondida.

Uma dor passa rápida pelo meu peito porque começo a pensar em tudo que Lisa e eu poderíamos ter sido. De verdade, nada de namoradas de mentira ou coisa do tipo. E com tudo que aconteceu hoje, desde sua ajuda até agora, tenho certeza de que colocamos um ponto final nesse assunto, mas começamos algo novo entre nós duas.

Ela me abraça pela cintura e não precisamos falar mais nada. Os fogos começam silenciosos, só com suas cores iluminando o céu. É meia-noite, é noite de Natal.

Lisa é a minha magia de Natal.

Outros títulos de Nina Melga

Viajando na Maionese

AZEDO:

Outros títulos de Garota Final

Contos únicos:

Motivos para não dizer Adeus